

## Estudando o Tropicalismo na *Tropicália Lixo Lógico* de Tom Zé<sup>1</sup>

Emília Saraiva Nery

Quem são os pais da Tropicália? No encarte do CD *Tropicália Lixo Lógico*<sup>2</sup>, Tom Zé responde a essa pergunta e amplia os “mitos de origem” do Tropicalismo:

Atribui-se ao rock internacional e a Oswald de Andrade o surgimento da Tropicália. Não é exato. Somem-se Oiticica, Rita, Agripino, o teatro de Zé Celso, etc... eis a constelação que cria um gatilho disparador e provoca em Caetano e Gil o vazamento do *lixo lógico, esse sim, fez a Tropicália*<sup>3</sup>.

É interessante perceber, através da citação acima, que as declarações do compositor e o seu último trabalho podem ser vistos, sobretudo, como exemplos emblemáticos de afirmação do Modernismo Oswaldiano, enquanto um dos “mitos de origem” do Tropicalismo numa *linha evolutiva*<sup>4</sup> da Música Popular Brasileira. É possível, por outro lado, encontrar recentes afirmações *tomzénianas* indignadas com a limitação em torno dos referidos mitos, tal como abaixo:

Veja: todo mundo trombeteia que o tropicalismo não existiria sem a influência do Oswald de Andrade, o poeta modernista. E do José Celso Martinez Corrêa, o diretor de teatro. E do Hélio Oiticica, o artistas plástico. E do José Agrippino de Paula, o escritor. E dos Mutantes. E do rock internacional. E... Sempre me chateeí com esse papo. [...] Considere que eu sou a ostra e que a pedra é a tal história de Oswald, Zé Celso, Oiticica, Agrippino... Eles exerceram, claro, um papel fundamental no tropicalismo. Mas alardear que o originaram? Comigo não, violão! Afirmações do gênero me pareciam incompletas. Uma facilitação, um engano, uma irresponsabilidade! Levei um tempão refletindo sobre o assunto. [...]. O verdadeiro pai da criança é o lixo lógico<sup>5</sup>.

O que é o *lixo lógico*: suposto pai mitológico da Tropicália? As possíveis respostas podem ser encontradas nas suas músicas “Apocalipsom A – o fim no palco do começo”, “Tropicalea Jacta Est”, “Marcha-enredo da Creche Tropical” e “Tropicália Lixo Lógico”. Nelas, Tom Zé desenvolve, sistematicamente, a tese de que as culturas moura, provençal, lusitana, oral e não aristotélica do interior nordestino (o lixo lógico) formaram a mentalidade (o hipotálamo) dos tropicalistas, antes destes entrarem em contato com o mundo aristotélico e sulista - representado pelo Modernismo Oswaldiano, Concretismo, *Rock in roll* e, para nós,

pela Bossa Nova. Segundo ele, as referidas músicas são, em resumo, a tese do disco em questão e possuem elementos comuns:

Bom, todos os meus últimos discos tem sido sempre um tema, que é trabalhado, desenvolvido. Então, é mais um desses temas. Os pontos em comuns das músicas. Tem essas quatro músicas, que eu citei que são “Apocalipsom A (o fim no palco do começo)”, que abre o disco. Depois, salta uma e vem “Tropicalea Jacta Est”. Salta uma canção e vem “Creche Tropical”. Salta outra canção e vem “Tropicália Lixo Lógico”. Essas quatro canções são a tese do disco. Para não ficar o tempo todo a pessoa ouvindo tese, eu incluí entre cada uma, saltadamente no disco, uma das músicas sacudidas. Aí entra uma coisa que está nessa pergunta: o que há em comum entre as músicas. Eu sempre escolhi o que está em volta de mim para cantar. Eu digo que sempre fiz “jornalismo cantado” e não, música verdadeiramente do *mainstream*<sup>6</sup>, como se fala. Então, eu escolhi temas que vocês vão ver sendo enumerados aí, que são temas do ambiente aqui da cidade e temas que deviam ser desenvolvidos em canções leves, fáceis, ritmadas por que o Tropicalismo sempre se preocupou com a canção que o público podia repetir e imediatamente fazer coro ao cantor<sup>7</sup>.

A letra de música “Apocalipsom A – o fim no palco do começo” é uma das concretizações da referida tese de Tom Zé sobre o nascimento da Tropicália. Os detalhes da concepção tropicalista podem ser acompanhados, passo a passo, nos versos abaixo:

*Personae iuris alieni*<sup>8</sup> Diabo e Deus numa sala Firmou-se acordo solene De unir em casamento A fé e o conhecimento Casou-se com muita gala O saber de Aristóteles Com a cultura do mouro Para ter num só filhote O duplicado tesouro E toda casta divina Estava lá reunida: Apolo e Macunaíma Diana, Vênus, Urânia Chiquinha Gonzaga, Bethânia O Diabo ali presente De todo banco gerente (Conforme o cabra da peste Chamado Bertolt Brecht) Tinha comida e regalo Tinha ladrão de cavalo Pai de santo e afetado Padre, puta e delegado E a menina, meu rapaz Cresceu depressa demais Anda presa na Soltura Circula na Quadratura E o Sossego ela não deixa em paz Cada dia mais esperta A moleca desconcerta No senso que ela retalha Não há quem bote cangalha Se você faz represália Ela passa a mão na genitália Esfrega na sua cara Mas... Onde a cultura vige E o conhecimento exige Recita *noblesse oblige*<sup>9</sup> Com veludo na laringe Castiça cantarolando *Quod erat demonstrandum*<sup>10</sup> E recebida na sala Se trata por Tropicália<sup>11</sup>.

O ritmo soturno do início da música complementa o sentido do seu título, formado pela fusão entre as palavras “Apocalipse” e “som”, “Apocalipsom”. As batidas em tambores; os apitos; os ruídos e os dizeres onomatopéicos, “Oh oh” e “eh eh,” e em latim, *Personae iuris alieni*, sugerem o soar das trombetas do Apocalipse. A visão do sujeito poético é de alguém, como Tom Zé, que vivenciou o fim do Tropicalismo e decide ver “o fim no palco do começo”.

Em seguida, a vocalização grave do rapper Emicida<sup>12</sup> declama com um acento urbano os versos escritos de forma nordestina e anunciantes do nascimento de uma criança, através da

união entre a fé (oralidade) e o conhecimento (razão ou lógica). União essa decidida por um acordo entre Deus e o Diabo (Bertolt Brecht). Os personagens escolhidos para representar os noivos foram, respectivamente, “a cultura do mouro” e o “Aristóteles”.

Para sinalizar a concretização do acordo e do casamento, há chiados e uma aceleração vocal e rítmica, que passa a dominar os versos seguintes. Neste momento, é possível notar uma intertextualidade sonora com as músicas “Mã<sup>13</sup>” e “Nave Maria<sup>14</sup>”. Apesar do uso comum de contraponto com os cavaquinhos nas suas melodias, os andamentos de “Apocalipsom A – o fim no palco do começo” e “Mã” são mais acelerados e intensos do que os de “Nave Maria”.

Tom Zé, por sua vez, reveza a vocalização com Emicida e enumera os interlocutores, chamados na música de deuses, que participaram da decisão pelo nascimento da criança. São eles: Macunaíma<sup>15</sup>, Chiquinha Gonzaga<sup>16</sup> e Maria Bethânia. Macunaíma pode ser visto como símbolo do Modernismo de 1922 e o ponto de partida da proposta caetanista de retomada de uma *linha evolutiva* na MPB, que se desencadeou na “criança Tropicália”. Chiquinha Gonzaga parece ser a representante dos sambas clássicos dos anos 1920 e 1930, que, posteriormente, sofreram releituras pelas mãos dos tropicalistas. Por fim, Maria Bethânia é a intérprete - progenitora, que não participou do nascimento do Tropicalismo.

Depois de nascida, a criança “Tropicália” enfrentou problemas durante o seu desenvolvimento. Para esclarecer os referidos problemas e complementar a sua interpretação, o músico baiano em estudo utiliza uma vocalização aguda ao cantar que “a menina, meu rapaz Cresceu depressa demais”. Mais adiante, ele entoava outro problema enfrentado por ela ao se tornar “Cada dia mais esperta A moleca desconcerta”. Apenas na performance embutida na gravação da letra de música em análise, é possível observar o complemento do verso em questão: “A moleca desconcerta a lógica”.

A tese de Tom Zé de que a Tropicália tinha uma lógica própria e uma nova maneira de pensar é evidenciada no verso acima e no próprio título do CD, *Tropicália Lixo Lógico*. Nas suas palavras, ele esclarece que

Aquilo que os meninos do Nordeste jogavam fora quando travavam contato com Aristóteles escapulia do córtex, se alinhava no hipotálamo e ali adormecia. Tornava-se lixo, só que um lixo dotado de lógica própria – a lógica dos árabes, do Oriente, do interiorzão. Um lixo lógico<sup>17</sup>!

Na seqüência, o sujeito poético cita o caráter indomável da criança “Tropicália” no seguinte verso: “Não há quem bote cangalha”. Ele ainda inclui a complementação e a ênfase

do referido verso, “cangalha não”, somente na sua performance inerente à gravação original de “Apocalipsom A – o fim no palco do começo”.

Outra dificuldade enfrentada pela “menina Tropicália” e pelos “meninos tropicalistas”, destacada na produção lítero-musical em debate, está relacionada às suas posturas de combate aos “bons costumes”, tidas como inadequadas: “Se você faz represália Ela passa a mão na genitália Esfrega na sua cara”.

Uma intertextualidade entre as letras de música “Panis et Circencis<sup>18</sup>” e “Apocalipsom A – o fim no palco do começo” pode ser observada na última estrofe desta última e nos seguintes versos *tomzénianos*: “E recebida na sala/ Se trata por Tropicália”. Tais versos lembram estes versos *caetanistas*: “Mas as pessoas na sala de jantar São ocupadas em nascer e morrer”. Trata-se, nestes últimos dizeres, do tema do conformismo em receber o básico e o mínimo com a polidez, *noblesse oblige*, segundo as palavras de Tom Zé.

Para reforçar a dimensão contemporânea de distração ou indiferença das pessoas na sala de jantar ao receber a “menina Tropicália”, os toques de um celular encerram a música em questão e deixam em suspenso a reflexão de que:

Talvez as pessoas na sala de jantar já não sejam as mesmas, nem estejam fazendo as mesmas coisas [...] Mas, para além da lembrança ainda legítima e viva da canção, penso que aumentou a quantidade das pessoas na sala de jantar, como aumentou tudo no mundo. E não só a quantidade, mas a qualidade das salas de jantar também mudou. Mesmo assim, não é preciso dizer o que fazem agora as pessoas na sala de jantar. Não é difícil de reconhecê-las, elas estão em toda parte<sup>19</sup>.

Outra produção lítero-musical que expressa o surgimento e a importância do Tropicalismo é “Tropicalea Jacta Est<sup>20</sup>” com os seus versos abaixo:

Parassá penteu escuta cá/Parassá penteu escuta aqui/Quando Baco bicou no barco/Tinha Pigna, Campos in/Celso Zeopardo/Matinê par’o delfin/Vi, vi, vi. Dois que antes da cela - da ditadura Deram a vela / da nossa aventura Barqueiro meu navegador Pa-ra-rá conjectura logo nosso primeiro Computador / computador (No disco do Sinatra, a viagem começa no século VIII, quando o zero invadiu nossos avós. Mas voltamos aos anos 60.) Era urgente / sair da tunda Levar a gente / para a Segunda Revolução Industrial Pa-ra-rá capacitados para a nova folia: Tecnologia Tecnologia. Domingo no parque sem documento Com Juliana-vegando contra o vento Saímos da nossa Idade Média nessa nau Diretamente para a era do pré-sal. Torquato Neto / do Piauí Pinta no verso/do céu daqui Aquela manhã que se inicia Desfolha a bandeira e renuncia Puta filia Puta filia. (No disco do Sinatra antes d’os Novos, chegaram outros baianos) Bandeiras no mastro / novo repasto Mas cada gentio / trazia no cio A fome das feras / naquele jejum Mas havia quimeras / de coca com rum Pra cada um / pra cada um<sup>21</sup>.

Sons de apitos integram um arranjo de elementos orquestrados e iniciam a primeira estrofe, que é também o refrão da música em questão. Nela, há uma intertextualidade com o canto III de Ovídio, no qual Alceste narra chamando a atenção do rei Penteu, “Parassá penteu escuta cá/Parassá penteu escuta aqui”, um episódio sobre o deus Baco. O sujeito poético, através de uma recorrente vocalização aguda e acompanhado por um canto coral, representa Alceste e deixa claro que Penteu deve ficar ao lado de Baco. Pois, este “bicou” um barco com os seguintes personagens-tripulantes: “Pigna”, Décio Pignatari, “Campos”, irmãos Augusto e Haroldo de Campos e “Celso Zeopardo Matinê”, Zé Celso Martinez Correia.

Os personagens acima podem ser vistos como outros interlocutores, ou “deuses”, responsáveis pelo aparecimento do Tropicalismo. José Celso Martinez Correia representa, através da peça *O rei da Vela*, o Modernismo Oswaldiano, que, por sua vez, é o “mito fundador” do Tropicalismo na lógica da proposta caetanista de retomada de uma *linha evolutiva* na Música Popular Brasileira. Os poetas irmãos Campos e Décio Pignatari simbolizam o Concretismo, um dos supostos “mitos de origem” do Tropicalismo na referida *linha evolutiva*. Por sinal, Tom Zé utiliza a fragmentação das palavras, recurso tão caro aos concretistas, ao longo de todo o refrão e através da expressão, “Pa-ra-rá”.

Os comandantes do barco que levavam os citados “deuses” estão implícitos nos versos: “Dois que antes da cela - da ditadura Deram a vela / da nossa aventura Barqueiro meu navegador.” Eram eles: Caetano Veloso e Gilberto Gil antes de serem presos e exilados no período da Ditadura Civil-Militar. Com o comando deles e sob a vocalização aguda de Mallu Magalhães<sup>22</sup>, inicia-se uma viagem da Idade Média, simbolizada pelos cantadores provençais e nordestinos, até a Segunda Revolução Industrial, Tropicália, entendida como a síntese cultural de “computador, tecnologia”, Beatles, Rolling Stones, o cinema francês e a cultura pop. É como acrescenta o músico baiano:

Caetano e Gil lideraram, assim, a vertente cantada do pensamento que tirou o Brasil da Idade Média e o levou para a Segunda Revolução Industrial. Foram os nossos heróis civilizadores, os caras que ajudaram a enxertar na juventude o gosto pelo progresso e pela inovação. [...] Segunda Revolução Industrial é a da publicidade, da televisão, do processamento de dados, da semiótica, da improbabilidade de Werner Heisenberg, o físico alemão<sup>23</sup>.

Na seqüência, Tom Zé reassume os vocais e brinca com versos das letras de músicas “Domingo no Parque<sup>24</sup>”, “Alegria, Alegria<sup>25</sup>” e “Geléia Geral<sup>26</sup>”, emblemáticas do Tropicalismo em 1968. Essas intertextualidades são variadas em “Tropicalea Jacta Est”. A primeira delas ocorre apenas com o uso do título de “Domingo no Parque” e de dois versos de

“Alegria, Alegria”, “Caminhando contra o vento/Sem lenço e sem documento”: “Domingo no parque sem documento/Com Juliana-vegando contra o vento”.

A segunda intertextualidade acontece com as referências ao compositor de “Geléia Geral”, Torquato Neto, e os versos da referida música, “Um poeta desfolha a bandeira/E a manhã tropical se inicia”, em “Tropicalea Jacta Est”: “Torquato Neto / do Piauí Pinta no verso / do céu daqui Aquela manhã que se inicia Desfolha a bandeira e renuncia/ Puta filia Puta filia”<sup>27</sup>.

Apesar dessa intertextualidade, existe uma diferença sutil entre os versos *torquatianos* e *tomzénianos*. Os primeiros são a visão de um poeta entusiasmado, alegre e tropical. Enquanto que os segundos são de um poeta desiludido, no qual a alegria não é mais “a prova dos nove” e cujo sonho renunciou.

A última referência que pode lembrar a música “Geléia Geral” em “Tropicalea Jacta Est” é a recorrência ao LP de Sinatra. Torquato Neto cita o referido LP como uma das relíquias de um país, no qual se consome de tudo. Tom Zé, por outro lado, parece citar o disco em questão como um recurso para mencionar as inovações tecnológicas dos árabes, como a invenção do numeral zero, e as mudanças musicais trazidas pelos baianos tropicalistas e os Novos Baianos<sup>28</sup>. LP de Sinatra, os baianos tropicalistas e os Novos Baianos são, nessa lógica *tomzéniana*, as relíquias brasileiras.

A partir dessas aventuras por músicas tropicalistas, o compositor baiano em estudo entoa a viagem transformadora da nossa cultura medieval e da produção artesanal, ou seja, de um Brasil bucólico, para os tempos contemporâneos da “era do pré-sal”, da exploração petrolífera.

Na última estrofe da letra de música em análise, o sujeito poético mostra que “os comandantes” e “tripulantes” da nau tropicalista eram incansáveis, já que “cada gentio / trazia no cio A fome das feras / naquele jejum Mas havia quimeras / de coca com rum Pra cada um / pra cada um”<sup>29</sup>.

Uma importante informação aos ouvintes da música em debate e das demais que integram o CD *Tropicália Lixo Lógico* é que a maioria das faixas termina abruptamente, através de pequenas inserções abstratas vocais ou instrumentais. Ao final de cada faixa, depara-se com um corte seco e com abismo do silêncio. No caso de “Tropicalea Jacta Est”, a faixa encerra com ruídos no final.

Essa opção pelo término abrupto está coerente com a tradição musical e artística de Tom Zé. No momento que a melodia das faixas começa a se tornar familiar, o fim repentino contraria o esperado e desperta a atenção de quem escuta, ao fazer com que toda a atenção se

volte novamente para o CD e a produção lítero-musical seguinte. Essa união entre as músicas é uma marca também do LP considerado manifesto do Tropicalismo, *Tropicália ou Panis et Circencis*.

Em síntese, Tom Zé relata, na produção lítero-musical em análise, as origens e as repercussões do Tropicalismo, a partir de referências aos personagens e aos fatos que o movimento proclamou e desencadeou no cenário cultural brasileiro.

Em ritmo de um frevo carnavalesco com riff de guitarra, o músico baiano continua *Estudando o Tropicalismo*<sup>30</sup> em “Marcha-Enredo da Creche Tropicália”. Nela, ele enumera as várias influências recebidas pelos tropicalistas através dos seus versos:

Preceptores-babás - banca de banca/Preceptores-babás - banca de banca/A  
tristeza daquela invasão, /Ai Deus... Ai Deus, valeu/,Valeu para nossa  
educação paradoxal prazer, e rendeu/A creche tropical - pical/Nossa  
universi-/-Dadal dadal, dadal a a / Há... nos velhos quintais/cada moleque  
do lote/dos analfatotes/ouvindo jograis, os mais radicais. /Tropicalisura  
voz, /A tal tanajura/Só cai se tiver na gordura/Os mesmos rondós dos  
nossos avós. /E Pedro Taques falou - ali dá, dali vem/Se conservar - ali dá,  
dali vem/O paulista - ali dá, dali vem/Tradicional/Na creche, menino, /Vem  
o provençal: /É um dia, é um dado, é um dedo, /Chapéu de dedo é dedal (3x)  
/Ela entra e sai do sertão, ai Deus, /Ai Deus nos dá descontínuo  
rincão/Perdida por lá, a cultura oral, oh mal! /Testemunha vai lá - um tal/De  
Euclides da Cu unha, unha, unha a a /Lá... é quando ele cunha/Moeda que  
trinca na unha/E a língua um dia/Na creche, senhora, poder, magia/Naquele  
mundão/O falar da gente assegura/Na mansa doçura/Outra cosmovisão:  
pensar é pão/Depois em Rosa eu vi - ali dá, dali vem/Prosa que li - ali dá,  
dali vem/E ela sorri - ali dá, dali vem/Chegança chega, menino, /Medieval  
batalha naval: / (Entra o mestre da chegada) /Pra expulsarmos esses  
incrêus/Espada de aço no pescoço, /Vento nas velas, Deus no céu, /Retorna  
Dom Sebastião no corso/ (Dom Sebastião, o Aguardado!)<sup>31</sup>

A letra de música começa com o refrão cantado em coro e entoando os orientadores, “preceptores”, da creche-berçário dos “analfatotes”, analfabetos em Aristóteles e, posteriormente, tropicalistas. As origens dos citados orientadores são rememoradas através de uma vocalização aguda pelo sujeito poético, que retrocede ao momento de “até a tristeza daquela invasão” da Península Ibérica pelos mouros. “Nele os bebês baianos Gil, Caetano, Gal, Tom Zé e colegas tropicalistas provêm da cultura moçárabe, que entregava aos bebês um conhecimento baseado na oralidade<sup>32</sup>”. Essa cultura árabe sobreviveu no sertão nordestino “em cada moleque do lote/dos analfatotes/ ouvindo jograis, os mais radicais” até as crianças serem alfabetizadas.

[...] um povo alfabetizado pode pegar seus conhecimentos e trabalhos intelectuais, colocar num livro, deixar nas prateleiras e eles ficam ali, preservados. [...] Lá no Nordeste era diferente: não havia quem escrevesse,

não havia alfabetização. Então, para preservar, a pessoa tinha que praticar diariamente a cultura – e eles amavam a cultura de seus avós; tendo se tornado analfabetos pela miséria, queriam preservar a cultura, praticando-a nas canções e nas conversas, que eram sempre instigações, perguntas ou explicações<sup>33</sup>.

A tese do compositor em estudo sobre a importância de Portugal ou da Península Ibérica no surgimento do Tropicalismo cantada nas músicas em análise, por sinal, foi festejada pela crítica portuguesa. No ano de 2006, Tom Zé excursionou um espetáculo que já levava o nome de *Portugal Tropicalea jacta est*. Uma das músicas do seu novo CD tem como título “Tropicalea jacta est”, analisada anteriormente. Dessa forma, a referida tese vem sendo amadurecida durante a sua carreira e é sistematizada no seu *Tropicália Lixo Lógico*. Retornando à recepção da tese *tomzéniana* pelos portugueses, a jornalista Cláudia Luís anunciou:

Até às 22 horas de hoje, os músicos brasileiros vinham a Portugal mostrar a sua música brasileira. Mas, a partir dessa hora, a tradição quebra-se na Sala Guilhermina Suggia da Casa da Música, no Porto, actua um músico baiano que vem demonstrar a influência portuguesa no movimento musical tropicalista. O responsável é Tom Zé, que assim inaugura os quatro dias do Festival Mestiço (ver programação de amanhã). ‘Portugal Tropicália jacta est...’ é o nome do espectáculo concebido em exclusivo para o público português pelo músico que, em cerca de duas horas, vai resumir oito séculos de história. Não, ‘não se trata de uma conferência’, assegura. Antes ‘canções recheadas com histórias do sertão’<sup>34</sup>.

Outro crítico português, por sua vez, ampliou o enfoque da referida tese *tomzéniana* ao enumerar outras influências culturais “além do Tejo” sobre o Tropicalismo. Influências essas que, inclusive, são listadas no encarte do seu último CD, tais como: canção celta, canção árabe, Provença – Século XI e XII, Escola de Sagres, Infante Dom Henrique e Saga de Roland Carlos Magno, Espanha/França Século VIII. Assim sendo, o músico baiano, há pelo menos seis anos, já formulava a “banca de preceptores-babás” que desencadeou a *Tropicália* ou *Portugália*. É como acrescenta Nuno Pacheco:

Refinado, louco, arauto de incertas certezas, poeta e iconoclasta, sertanejo e universal: Tom Zé, raízes num recanto quase medieval da Bahia, a crescer para o mundo desde que a *Tropicália* fez soar os seus primeiros gritos, estreou em Portugal um espectáculo inédito onde (à semelhança do que já fizera em São Paulo, em Setembro de 2005) imperou uma mescla de *talk show* com recital demonstrativo dos factos e idéias que lhe vão na mente e que ele deixa escapar numa vertigem incontrolável. *Desta vez, a idéia-base era fundamentar as origens portuguesas do movimento tropicalista e, para isso, Tom Zé traçou um roteiro histórico-cultural, meio sério meio irónico, nele citando Ezra Pound e Ortega y Grasset, as culturas árabe e grega, a canção celta e a poesia provençal, Charles Sanders Peirce e George W.*

*Bush, Thomas Mann e Jackson do Pandeiro. Confuso? De modo algum. O espetáculo, alicerçado nesta narrativa, só aparentemente caótica, mistura história, costumes, sexo e política em doses desiguais e ao sabor de uma feérica improvisação, onde Tom Zé dá largas ao seu poder criativo, na voz mas também na mímica. [...] Transmutada por Tom Zé a Tropicália em "Portugália", foi como se sertão e cosmos dessem as mãos num espetáculo que surpreende a cada passo, numa catarse admirável de idéias e de sons [grifo meu]* <sup>35</sup>.

Tom Zé, em turnê pela Europa no ano de 2006, foi interpelado por um jornalista inglês sobre a tese de que o rock internacional, sobretudo dos *Beatles*, determinou o surgimento do Tropicalismo. À importância da Inglaterra, o músico contrapôs Portugal como matriz tropicalista na sua referida turnê pelo país português. Tal contraposição pode ser observada no seu último CD, *Tropicália Lixo Lógico*, que coloca a música rock como um dos gatilhos disparadores do *Lixo Lógico da Tropicália*. Por sinal, a crítica portuguesa de seis anos atrás destacou a referida contraposição nos seguintes termos:

Tom Zé entrou em palco a discutir com um senhor inglês invisível, passou metade do tempo a desenhar esquemas explicativos num quadro, praguejou contra o espírito de Carlos Mardel e a asneira de expulsar os árabes da Europa, convocou ditos e pensamentos de Ortega y Gasset e Camões, Charles S. Pierce e Aristóteles, Thomas Mann e Fernando Pessoa, Ezra Pound e Heráclito e Arthur C. Clarke, e até do seu velho amigo sertanejo Odair Cabeça de Poeta. Fez o elogio da sua pátria que é a língua portuguesa e expôs a tese – que era afinal razão essencial deste espetáculo – logo de início: “Longe de mim querer insinuar que Portugal teve influência no Tropicalismo. Eu quero é provar por A + B que Portugal fundou o Tropicalismo e que está na altura de cobrar o crédito que lhe é devido.” O inglês invisível, entretanto silenciado e desterrado numa cadeira solitária nos confins do palco, era o jornalista inglês que, há dias em Londres, interpelou Tom Zé com a teoria de que o Tropicalismo tinha sido determinado “pelo rock internacional, os Beatles e todo esse negócio.” E foi para o desmentir que este quase septuagenário andou duas horas num alvoroço entre a guitarra ao centro do palco e o quadro onde ia escrevinhando um esquema de aula que se propôs dar aos portugueses. Tudo para explicar que a semente universalista que deu origem ao Tropicalismo viajou com as caravelas em 1500, foi com os bandeirantes para o Nordeste e ali ficou 400 anos, conservada, intacta pelo isolamento. Até que uma primeira geração partiu para Salvador da Baía para aprender a ler. Entre eles, Tom Zé, Caetano, Gil e Gal<sup>36</sup>.

É possível encontrar ainda os prenúncios da tese *tomzéniana* sobre as influências das culturas portuguesa e árabe na linguagem nordestina de lógica não aristotélica, na crítica musical francesa abaixo.

C'est là, dit-il, qu'il a "appris une autre langue". Fleurie, emplie de mots indigènes, et de réminiscences ibériques, "un portugais encore empreint du XVIe siècle et de culture maure, pratiqué par des mulâtres qui manquaient de

protéines et du reste", emprisonnée par le sertao rude, éloigné. "Ce que j'entendais chez mon père était une autre métaphysique, une autre cosmologie<sup>37</sup>.

A educação moçárabe, influenciadora dos portugueses, foi “A creche tropical- pical” e a universidade dos tropicalistas, “Nossa universi-/-Dadal dadal, dadal a a” . Esta cultura ancestral foi sendo substituída pela chamada cultura aristotélica, quando as crianças ingressavam na escola primária e conheciam a cultura ocidental. É como explica Tom Zé:

Calcule a surpresa, o fascínio. Descobrir os livros, as ciências e todo um palavreado diferente! Hipnotizadas por tamanho tesouro, as crianças jogavam fora o aprendizado anterior e deixavam que Aristóteles assumisse as rédeas em definitivo. De onde extraí tantas premissas? Eu trabalho, seu Doutor! Leio à beça, e depois, junto os pauzinhos. Está achando que passo cheque sem fundo? Nunca! Quem avalia meus cheques são os historiadores Pedro Taques e Nicolau Sevcenko, o folclorista Câmara Cascudo, o sociólogo Euclides da Cunha<sup>38</sup>.

O músico baiano se fundamenta também nas pesquisas sobre a colonização das bandeiras paulistas do historiador Pedro Taques para provar, na música em análise, a sua tese da influência moçárabe no Nordeste Brasileiro. Tese essa reforçada pela interposição de canto coral concretista “ali dá, dali vem”. Seu principal argumento é de que as bandeiras que, em 1576 saíram de São Paulo, ao contrário do que aconteceu em outras regiões, permaneceu no Nordeste. Com essa argumentação, é possível questionar a idéia de que

[...] se o sul/sudeste era o lugar onde vivia a população europeizada, não apenas em função das constantes imigrações, mas em função da maneira como adotam o conceito de *européu* como referência, poder-se-ia assim dizer que esse sul/sudeste, em sua busca incessante pela referência européia, teria se tornado uma paródia do europeu. Em outras palavras, enquanto o sul/sudeste seria o local em que a colonização funda a cultura ocidental, em franco processo de modernização, o sertão seria o local da colonização que não deu certo<sup>39</sup>.

Os descendentes dos bandeirantes ficaram analfabetos, mas não esqueceram a cultura “dos mesmos rondós dos nossos avôs”, árabe e portuguesa. Ela permanecia na cultura e na linguagem oral nordestina, “O falar da gente assegura/Na mansa doçura”, testemunhada e registrada pelo escritor Euclides da Cunha na sua obra, *Os Sertões*<sup>40</sup>. Por sinal, a importância do citado escritor é destacada através de um coral, que explora espacialmente as sílabas do seu sobrenome: “Cu unha, unha, unha a a”.

A tese sobre a colonização paulista no Nordeste do citado historiador defendida por Tom Zé, no seu último CD, pode trazer riscos para a sua boa receptividade. Pois, o

compositor em estudo já mostrou a má recepção dos estudos do historiador Pedro Taques entre, por exemplo, os paulistas.

Outro paulista, Pedro Taques, historiador, hoje nome de estrada enganenta, disse em *Nobiliarquia Paulista* que o caboclo nordestino descende dos primeiros bandeirantes de São Paulo, que chegaram ao Nordeste e preservaram a fibra e a vigilância moral justamente graças a esta solidão desamparada de migrantes. Ao contrário do que, cá no Sul, degeneraram em “cruzamentos” e maus costumes de uma vida cortesã. Foi um louco, o dr. Pedro Taques, ao fazer tal afirmação. Tanto que os paulistas, por vingança, puseram o nome dele numa estrada xexelenta, que só vive dando problemas entre Santos e o litoral mais ao sul do Estado. Ao contrário dos que, cá no Sul, degeneraram em “cruzamentos” e maus costumes de uma vida cortesã. Que louco, o dr. Pedro Taques, hoje estrada, por dizer tal<sup>41</sup>.

Outro argumento *tomzéniano* desenvolvido na produção lítero-musical “Marcha-Enredo da Creche Tropicália” é de que a herança dos poetas provençais dos séculos XI e XII se manifesta nas cantigas do cantador nordestino. Essa herança é mostrada por ele, a partir dos seguintes versos de cantiga: “É um dia, é um dado, é um dedo, /Chapéu de dedo é dedal”.

A cultura oral persistia ainda nas danças, cheganças e nos folguedos nordestinos, que narravam as batalhas entre os cristãos e mouros. O ambiente sonoro de batalha, através de uma aceleração rítmica e de uma vocalização grave *tomzéniana*, toma conta da música para abordar o tema da expulsão dos árabes pelos portugueses. Apenas na performance inserida na gravação original de “Marcha-enredo da Creche Tropical”, o músico baiano chama o mestre da chegança, “Entra o mestre da chegança”, para iniciar o trabalho de expulsão dos mouros a ser finalizado pelo rei de Portugal, Dom Sebastião. Esse Rei “messias” é evocado da seguinte forma: “Pra expulsarmos esses incréus/Espada de aço no pescoço, /Vento nas velas, Deus no céu, /Retorna Dom Sebastião no corso/ (Dom Sebastião, o Aguardado)”!

Nos minutos finais da letra de música em discussão, Tom Zé faz um *happening* ao falar que a cultura árabe formou a mentalidade dos tropicalistas: “E assim funcionava a creche: cada círculo, cada aula, ia se sucedendo, com aqueles jograis que casualmente circulavam entre nós. E lá vai tutano na cabeça dos moleques”. É importante lembrar ainda que assim como as duas últimas músicas analisadas, esta também acaba de maneira repentina com vozes femininas entoando: “Gê oh eh eh eh oh eh oh oh eh”.

Retornando ao “tutano”, aos cérebros tropicalistas, era possível encontrar neles, de acordo com o compositor em estudo, a referida cultura aristotélica se abrigoando no córtex e expulsando a herança árabe para o hipotálamo. Essa forma moçárabe de pensar, armazenada no hipotálamo, é o lixo lógico que, por várias razões, na segunda metade dos anos 1960,

expulsou o pensamento aristotélico e voltou a se abrigar no córtex: O que se encontrava no hipotálamo, não era um baú de conhecimento, era “Outra cosmovisão: pensar é o pão”, presente “Depois em Rosa”, Guimarães Rosa e na sua obra de meados dos anos 1950, *Grande sertão: Veredas*<sup>42</sup>. O arcabouço tropicalista estava erguido. Foi isto, por exemplo, que motivou Gilberto Gil a querer criar algo novo, após ter encontrado “Perdida por lá, a cultura oral, oh mal!”, a Banda de Pífano de Caruaru, cuja arte remontava ao mundo pré-aristotélico. Nas palavras de Tom Zé, Caetano Veloso e Gilberto Gil “[...] os dois perceberam que tinham de resgatar o aprendizado do interior, a herança dos árabes, a tradição oral e uni-los à cultura pop do Ocidente, filha direta do pensamento aristotélico. Conseguiram, assim, engendrar um ser inteiramente original, a dona Tropicália<sup>43</sup>”.

Na faixa título do seu último CD, “Tropicália Lixo Lógico”, o compositor narra o choque entre as culturas aristotélica e moçárabe, que desencadeou no aparecimento do Tropicalismo e de seu “lixo lógico”:

A pureza Chapeuzinho Passeando na floresta Enquanto Seu Lobo não vem:  
Mas o Lobo entrou na festa E não comeu ninguém. Era uma tentação, Ele  
tinha belos motes, O Lobo Seu Aristotes: Expulsava todo incréu Ali do  
nosso céu. Não era melhor, tampouco pior, Apenas outra e diferente a  
concepção Que na creche dos analfatóteles regia Nossa moçárabe estrutura  
de pensar Mas na escola, primo dia, Conhecemos Aristotes, Que o seu  
grande pacote De pensar oferecia. Não recusamos Suas equações Mas, por  
curiosidade, fez-se habitual Resolver também com nossas armas a questão  
Uma moçárabe possível solução Tudo bem, que legal, Resultado quase igual,  
Mas a diferença que restou O lixo lógico criou. Aprendemos a jogá-lo No  
poço do hipotalo. Mas o lixo, duarteiro, O córtex invadia: Caegitano entorta  
rocha Capinante agiu<sup>44</sup>.

A introdução sonora de acordes de violino e rabeca em “Tropicália Lixo Lógico” lembra as cordas empregadas na música “Coração Materno<sup>45</sup>” de Vicente Celestino, cantada por Caetano Veloso no disco *Manifesto do Tropicalismo*, em 1968. Trata-se, portanto, de uma intertextualidade sonora entre elas.

Outra intertextualidade é verificada nos versos seguintes, através da citação de outra música tropicalista: “Enquanto Seu Lobo Não Vem<sup>46</sup>”. Ambas começam com uma fábula infantil de Chapeuzinho Vermelho. Com uma vocalização aguda e feminina, representando a própria Chapeuzinho, há um despertar da consciência pelo choque assombroso: Um lobo mau, chamado “Aristotes”, vem assombrar quem passeia pela floresta. Seu objetivo “era expulsar todo incréu/ Ali do nosso céu”, isto é, eliminar os moçárabes e sua cultura do “céu nordestino”.

Na seqüência, uma aceleração no andamento da progressão de acordes da guitarra toma conta da música em debate. A vocalização aguda e feminina é substituída pelos vocais graves *tomzénianos*. Nesse momento, é possível observar mais uma intertextualidade em “Tropicália Lixo Lógico”. Desta vez, a citação é referente à letra de música “Marcha-Enredo da Creche Tropicália<sup>47</sup>”.

Nas referidas músicas, existe a descrição do possível choque entre as culturas moçárabe e aristotélica. Sem tomar partido por nenhuma delas, o compositor em estudo admite que a primeira cultura “Não era melhor, tampouco pior, / Apenas outra e diferente a concepção”. De maneira semelhante, destaca em “Marcha-Enredo da Creche Tropicália” que a herança árabe era “Outra cosmovisão”. Esse pensamento de lógica diversa ocupava a “estrutura do pensar” na “creche dos analfatóteles” ou “creche tropical-pical”, assim nomeadas respectivamente em “Tropicália Lixo Lógico” e “Marcha-Enredo da Creche Tropicália”.

Posteriormente, o músico baiano descreve o local exato do suposto conflito entre a cultura oral e a racionalidade aristotélica: “Mas na escola, primo dia, / Conhecemos Aristotes”, Aristóteles. A escola primária era, portanto, o espaço no qual um “grande pacote De pensar oferecia”. Ele ainda complementa, no encarte do CD em análise, a peculiaridade do momento do começo desse encontro cultural:

De 0 a 2 anos, a placa mental está virgem e faminta. Nunca mais, durante toda a vida, o ser humano aprenderá com tal intensidade. Aí reside a força do aprendizado da creche tropical. Só a partir da escola primária, que para nós começava aos 6 ou 7, tem início o contato com a organização do pensamento ocidental promovida por Aristóteles – um choque delicioso-, cuja comparação com a creche desencadeia o lixo lógico<sup>48</sup>.

Tom Zé mostra que a solução para o citado conflito foi a conciliação entre as referidas culturas. Assumindo a primeira pessoa do plural, “nós”, a voz dos até então analfabetos em Aristóteles e futuros tropicalistas, ele entoia que da união da cultura aristotélica com a moçárabe ainda persistiu o “lixo lógico da Tropicália”:

Não recusamos Suas equações Mas, por curiosidade, fez-se habitual Resolver também com nossas armas a questão - Uma moçárabe possível solução Tudo bem, que legal, Resultado quase igual, Mas a diferença que restou O lixo lógico criou<sup>49</sup>.

Na performance embutida na gravação original da música em análise, o músico baiano, utilizando uma vocalização grave em eco de um “Lobo Mau”, faz um *happening*, que serve

como uma ligação entre a penúltima e a última estrofe: “O lixo lógico cresce cresce cresce. O que fazer com tanto lixo lógico?!”

Apesar de crescido, o “lixo lógico” ficou escondido numa região pequena do cérebro dos tropicalistas, “No poço do hipotálamo”, hipotálamo. Ele foi lançado desse hipotálamo, centro da expressão emocional, para o córtex, a camada mais externa do cérebro. Neste córtex cerebral, sofreu um processo neuronal diferente, pois se encontrava na sede da razão e da linguagem. É importante lembrar que foi o desenvolvimento dessa área cerebral que proporcionou o despertar humano para a cultura.

Na última estrofe de “Tropicália Lixo Lógico”, uma vocalização aguda feminina responde a pergunta inserida no referido *happening tomzéniano*. O que foi feito do Lixo Lógico? “Caegitano entorta rocha”. Um dos gatilhos disparadores do lixo em questão do hipotálamo para o córtex dos tropicalistas, Caetano Veloso e Gilberto Gil, foi o cinema de Glauber Rocha. No citado verso, é possível notar a última intertextualidade com a produção lítero-musical “Enquanto Seu Lobo Não Vem<sup>50</sup>”. Assim como as alegorias do cinema marginal e de *Terra em Transe*, os passeios de “Tropicália Lixo Lógico” e “Enquanto Seu Lobo Não Vem” são cíclicos.

<sup>1</sup> ‘Enquanto Seu Lobo Não Vem’ é de todas as suas composições, uma das que mais revela consciência política e dialoga diretamente com *Terra em Transe*, de Glauber Rocha. [...] Embaralha o ponto de vista do narrador, e fica difícil definir se fala do ponto de vista do jovem de esquerda, ou do senhor de direita<sup>51</sup>.

Por fim, o compositor em estudo lança mão de mais um interlocutor tropicalista, que utilizou o “Lixo Lógico da Tropicália”: José Carlos Capinam, “Capinante agiu”. Assim como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé, Capinam teve a sua fase de músicas engajadas satíricas e certo otimismo militante. Fase essa ultrapassada após o surgimento do Tropicalismo. Na fase tropicalista, por sinal, Capinam participou do LP *Manifesto Tropicália ou Panis et Circencis* através da composição da letra de música “*Misere Nobis*”<sup>52</sup>. Ele deu adeus à estética nordestina e de esquerda como da sua música “Ponteio<sup>53</sup>” com Edu Lobo de 1967, muito relacionada a certa tradição criada no CPC da UNE, do qual foi militante ou agente fervoroso. É como acrescenta:

Essa mudança também aconteceu com Caetano, que antes compunha músicas como *Um Dia*: ‘Como um dia numa festa/ realçavas a manhã...’ Com Gil, foi a mesma coisa. Ele também esteve naquele festival de 1967 concorrendo com a sua própria *Domingo no Parque* com a canção *Bom dia*, dele e da Nana Caymmi e interpretada pela Gal, canção que não tinha a

estética de vanguarda. Gil defendeu uma do Tom Zé (*A Moreninha*) nesta mesma linha e no mesmo festival. Músicas como *Água de Meninos*, minha com Gil e anteriores ao festival, também não tinham ligação nenhuma com a vanguarda<sup>54</sup>.

Na última faixa do CD *Tropicália Lixo Lógico*, Tom Zé nomeia os supostos interlocutores contemporâneos tropicalistas, “descendentes do Lixo Lógico da Tropicália”. Nesse sentido, o músico baiano aponta uma possível segunda leva do espírito inovador “tropicalista” nos seguintes versos de “Apocalipsom B: o começo no palco do fim”:

“Caemicida malluri/ Ta gil/ Pelicapinarante was/ Que vai/ Na manjedouramarassu/ Nascer/ É hora da Segunda/ Quem essa criatura vem/ A ser/ Que sai do Spiritus Mundi?”<sup>55</sup>

É possível notar uma intertextualidade entre a cantiga em análise, especialmente, nos últimos quatro versos destacados acima e o poema, nos versos em seguida: “Surely the Second Coming is at hand./The Second Coming! Hardly are those words out/ When a vast image out of Spiritus Mundi”<sup>56</sup>. Sobre a referida cantiga repórter, o compositor explica também que se trata de “um plágio de um poema de *Yeats*, *The second coming*, A segunda vinda<sup>57</sup>, onde *Yeats* trata da possibilidade, da necessidade que o mundo tem do aparecimento de uma segunda encarnação do Cristo<sup>58</sup>”.

A produção lítero-musical em análise é uma continuidade, a parte “B”, da primeira faixa do referido CD “Apocalipsom A – o fim no palco do começo”. Tal continuidade fica evidente desde o título até o seu término. A visão do sujeito poético é de alguém, como Tom Zé, que vivenciou o fim do Tropicalismo e decide olhar para “o começo no palco do fim” ou “renascimento no palco do fim”. Em entrevista, o compositor em estudo amplia esse olhar ao refletir sobre as semelhanças e as diferenças entre o Tom Zé da Tropicália dos anos 1960 e o Tom Zé contemporâneo da seguinte forma:

Vocês sabem que eu tive uma fase de ostracismo durante dezessete anos, eu praticamente não gravei. Eu fiquei completamente esquecido. E, finalmente, David Byrne, o camarada do *Talking Heads*, achou um disco, comprou por acaso um disco meu no Rio de Janeiro. Ficou muito admirado e acabou me lançando nos Estados Unidos e desencadeando toda essa carreira internacional, que me deu muita alegria, que me fez voltar a compor porque naquela ocasião eu já ia me retirar de música e ia trabalhar no posto de gasolina do meu sobrinho, o Dequinha, em Irará. Ele tem um posto Texaco lá, se não me engano. E eu ia ser o gerente dele, mas David Byrne me tirou do posto de gasolina e me levou para cantar no exterior. Muito bem. Quanto à possível semelhança daquilo que eu fiz nos anos sessenta, o que posso notar é que eu continuo sendo, quer dizer, refinou um pouco ao ponto de eu conseguir fazer canções belas. É, por exemplo, a reação do público a esse disco é impressionante. Tem uma pessoa que escreveu, uma moça que escreveu no e-mail, que pena que eu tenha esquecido o nome dela agora. Escreveu no blog. Todas essas coisas que tem hoje, facebook e tal. Ela disse

assim: Oh Tom Zé, você não fez um disco. Você fez um vício. Pois, se desde sábado eu não consigo parar de ouvir. Outra senhora escreveu, outra pessoa escreveu dizendo assim: Ah esse disco é tão gostozinho! (Risos) <sup>59</sup>.

Ao analisar o relato *tomzéniano* destacado anteriormente, é possível observar o principal argumento sobre o diferencial do músico baiano do século XXI em relação aos seus tempos de Tropicália: o sucesso e a boa receptividade do seu trabalho em meio a um público mais amplo sem chegar ao nível de aceitação em massa. Não é por um acaso que imediatamente ele rememora as suas fases de ostracismo musical, ou seja, períodos nos quais suas produções individuais não tinham espaço no mercado fonográfico muito menos nos meios de comunicação. Outro elemento passível de identificação, a partir da sua argumentação diferenciadora em debate é: a beleza das suas produções lítero-musicais atuais em comparação com as suas composições individuais, sobretudo, da época de ostracismo musical dos anos 1970 e 1980.

Os argumentos em torno da possível semelhança entre os Tom Zés dos meados do século XX e da primeira década do século XXI não aparecem no testemunho em questão. Sobressaem no seu discurso apenas as diferenças, pois a “mágoa” *tomzéniana* diante do período do ostracismo e do insucesso acaba ofuscando na sua narrativa o jornalista cantor dos anos 1960, que cantava livremente sobre temas cotidianos e perpassa de forma semelhante toda a sua trajetória musical.

A partir do primeiro verso de “Apocalipsom B: o começo no palco do fim”, o compositor enumera uma lista seqüenciada com os músicos contemporâneos que participaram do CD em questão e dialogam com a primeira leva tropicalista, sobretudo com Caetano Veloso, Gilberto Gil e José Carlos Capinam. Para tanto, ele faz neologismos ao unir o nome de Caetano Veloso ao *rapper* Emicida, “Caemicida” e à Mallu Magalhães, “malluri”; o de Péllico<sup>60</sup> ao José Carlos Capinam e ao Rodrigo Amarante<sup>61</sup>, “Pelicapinarante”. A participação dos referidos músicos contemporâneos foi explicada, por Tom Zé, da seguinte maneira:

A produtora-executiva do trabalho, Milena Machado, me sugeriu convidar Mallu Magalhães, Rodrigo Amarante, Péllico e Emicida para participar do disco. Aproveitei a brecha e chamei ainda o Washington Carlos, cantor não profissional de Caruaru (PE), sobrinho de um conhecido que vende colchas numa feira perto de casa. A colaboração da molecada me trouxe imensa alegria<sup>62</sup>.

Para além de dialogarem com a primeira leva “tropicalista”, os músicos “deuses” indicados acima são apontados na citada música como os pais do “renascimento da menina Tropicália”: “Na manjedouramarassu/ Nascer/ É hora da Segunda/ Quem essa criatura vem/ A

ser/ Que sai do Spiritus Mundi”. Para complementar esse momento de renovação, uma aceleração rítmica e chiados, “Chii”, passam a imperar na música. Neste momento, é possível observar uma intertextualidade sonora com as suas músicas “Apocalipsom A – o fim no palco do começo”, “Mã<sup>63</sup>” e “Nave Maria<sup>64</sup>”. Apesar do uso comum de contraponto com os cavaquinhos nas suas melodias, os andamentos de “Apocalipsom A – o fim no palco do começo”, “Apocalipsom B: o começo no palco do fim” e “Mã” são mais acelerados e intensos do que os de “Nave Maria”.

Por último, a vocalização do rapper Emicida entoava o verso de “Apocalipsom A – o fim no palco do começo”: “Toda casta divina estava lá”. Essa intertextualidade entre a referida música e “Apocalipsom B: o começo no palco do fim” pode ser interpretada como um sinal de uma renovação cíclica do “espírito criador tropicalista”. Dito em uma frase: “a Tropicália não morreu”.

Ao analisar em conjunto as cinco músicas relacionadas ao álbum *Tropicália Lixo Lógico*, é possível sintetizar que, diferentemente dos córtices de Caetano Veloso e Gilberto Gil, no córtex *tomzéniano* permaneceu a convivência entre o pensamento aristotélico e a herança moçárabe. A produção lítero-musical de Tom Zé, inclusive, sempre foi arredia às paradas de sucesso pop. O que em parte explica a razão de ele ter sido alijado da suposta herança tropicalista do início da década de 1970, quando Caetano e Gil estavam exilados em Londres. Ele e os referidos tropicalistas baianos tiveram uma relação estremecida até recentemente.

A versão “*tomzéniana*” em debate para o nascimento do Tropicalismo foi elogiada por Caetano Veloso, ao fazer uma crítica sobre o novo disco de Tom Zé no jornal *O Globo*. No entanto, Caetano Veloso parece não aceitar que ele, Maria Bethânia e Gal Costa sejam nomeados, na mesma medida que Gilberto Gil (Ituaçu-Ba) e Tom Zé (Irará-BA), como “tropicalistas medievais e sertanejos”. Caetano aponta diferenças possivelmente hierárquicas entre os seus colegas baianos:

Seja como for, há uma identificação sertaneja que Gil (em larga medida) pode partilhar com Tom Zé, mas Bethânia, Gal e eu, meninos da área da Baía de Todos os Santos, viemos de outro ambiente mental. Crescemos em cidades coloniais (Santo Amaro, Salvador), as que, na ordem inversa do que aconteceu no Velho Mundo, nasceram antes do campo (como ensina Antonio Risério em seu “A cidade no Brasil)<sup>65</sup>.

A origem sertaneja pode ser entendida, a partir dessas palavras de Caetano Veloso, como sinônimo de atraso em relação a uma origem “sulista”, representada pela Baía de Todos

os Santos. Ele conclui sua argumentação sobre as peculiaridades em torno das cidades do Recôncavo Baiano afirmando que:

[...] as cidades racionais imaginadas pelos colonizadores terminavam sempre repetindo algo das cidades reais da metrópole, as quais eram ainda labirínticas, à moda medieval, sendo que as portuguesas ainda o eram mais, por causa da influência árabe. Mas para os santamarenses e os soteropolitanos as formas mentais sertanejas eram remotas. Não tínhamos o repentista, o cordelista ou o aboiador em voz de alcance. E palatalizávamos os dê e os tês antes do i. Essas sutis diferenças me vêm à cabeça ao ouvir ‘Tropicália, lixo lógico’, o disco novo de Tom Zé <sup>66</sup>.

Retomando o questionamento “Quem são os pais da Tropicália?”, é fundamental mencionar as recentes declarações, ao mesmo tempo elogiosas e críticas, de Tom Zé sobre a importância de Caetano Veloso e Gilberto Gil no seu *Tropicália lixo lógico*:

Você sabe o faraó é Deus no Egito. E quando o faraó vai a uma cerimônia em que ele representa verdadeiramente Deus, vai com um rabo para poder regredir na espécie, para que ele poça alçar a divindade. Tanto que eu nesse disco, que estou fazendo um trabalho sobre Caetano e Gil, que são deidades muito superiores, venho com o rabo para regredir na espécie e chegar até eles, alcançar a divindade caetanista <sup>67</sup>.

O próprio Caetano Veloso, por outro lado, reconheceu a importância desse último álbum de Tom Zé na sua fase de redescobrimto musical, após os anos 1990. Como também, assumiu a sua parcela de culpa no ostracismo musical do seu conterrâneo:

‘Tropicália, lixo lógico’ é o melhor disco de Tom Zé desde que ele renasceu artisticamente, convidado a sair do esconderijo para onde nós o empurráramos nada menos do que por David Byrne, o mais elegante de todos os roqueiros. [...] Aqui mostrando-se rica como nunca, nas menções meio ocultas a nomes, timbres e cadências da época. E de agora. Talvez a intensidade com que isso acontece se deva ao tema ser a Tropicália. Diferentemente da bossa nova, a Tropicália é coisa de Tom Zé. Não só ele fez parte do movimento: ele realizou as obras mais ambiciosas no sentido de caracterizá-lo. É como se Gil, eu, Sérgio Dias e Rita Lee tivéssemos cada um partido para algo livre do projeto inicial: Tom Zé ficou com as questões centrais [grifo meu] <sup>68</sup>.

Em síntese, é possível afirmar que a releitura contemporânea do Tropicalismo, realizada por Tom Zé no seu último CD *Tropicália Lixo Lógico*, pode ser interpretada como sinal da permanência e influência conflituosa da Tropicália nas suas cantigas e na História da Música Popular Brasileira. As cantigas *tomzénianas* e suas respectivas performances e declarações podem ser tomadas como exemplos de lutas conflituosas diante dos supostos “mitos de origem” do Tropicalismo e dos seus possíveis marcos antecessores numa *linha evolutiva* na Música Popular Brasileira, tais como: as estéticas modernistas<sup>69</sup>, concretistas<sup>70</sup> e

bossanovistas<sup>71</sup>. Essas lutas conflituosas podem indicar a necessidade de elaboração de um exercício interpretativo de como ficaria a historiografia da Música Popular Brasileira, a partir do músico baiano e suas visões sobre as origens do Tropicalismo e da música popular no Brasil. Parece que existe outra história para ser contada.

## REFERÊNCIAS

### 1 Fontes

#### *Letras de música*

GIL, Gilberto e CAPINAM, José Carlos. *Misere Nobis*. In: *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado A, faixa 1.

GIL, Gilberto. Domingo no Parque. In: *Gilberto Gil*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado B, faixa 10.

\_\_\_\_\_. e NETO, Torquato. Geléia Geral. In: *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado A, faixa 6.

VELOSO, Caetano. Enquanto Seu Lobo Não Vem. In: *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado B, faixa 9.

\_\_\_\_\_. Coração Materno. In: *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado A, faixa 2.

\_\_\_\_\_. Panis et Circencis. In: *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado A, faixa 3.

VELOSO, Caetano. Alegria, Alegria. In: *Caetano Veloso*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado A, faixa 4.

ZÉ, Tom. Mã. In: ZÉ, Tom. *Estudando o samba*. São Paulo, Continental, 1976. 1. disco sonoro. Lado A, faixa 1.

\_\_\_\_\_. Nave Maria. In: ZÉ, Tom. *Nave Maria*. São Paulo, RGE, 1984. 1. disco sonoro. Lado A, faixa 1.

\_\_\_\_\_. Apocalipsom A – o fim no palco do começo. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 1A.

\_\_\_\_\_. Apocalipsom B: o começo no palco do fim. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 1B.

\_\_\_\_\_. Tropicalea Jacta Est. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 3.

\_\_\_\_\_. Marcha-Enredo da Creche Tropical. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 5.

\_\_\_\_\_. Tropicália Lixo Lógico. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 7.

#### *Jornais e revistas*

LUÍS, Cláudia. Tom Zé inverte tradição do Brasil em Portugal. *Jornal de Notícias*. Lisboa, Portugal, 10.05.06. Disponível em:  
[http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content\\_id=549786&page=-1](http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=549786&page=-1) Acesso: 18.10.2012.

NERY, Emília Saraiva . O lixo lógico da Tropicália. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 26 out. 2012.

MORTAIGNE, Véronique. Tom Zé, bricoleur fou des sons du Nordeste. *Le Monde*. 2006. Disponível em:  
[http://www.tomze.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=162:tom-ze-bricoleur-fou-des-sons-du-nordeste-&catid=8:imprensa&Itemid=18](http://www.tomze.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=162:tom-ze-bricoleur-fou-des-sons-du-nordeste-&catid=8:imprensa&Itemid=18) Acesso: 19.10.2012.

OLIVEIRA, João Pedro. Como sempre, explicando para confundir. *Diário de Notícias*. Lisboa, Portugal, 2006. Disponível em:  
[http://www.tomze.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=252:como-sempre-explicando-para-confundir&catid=8:imprensa&Itemid=18](http://www.tomze.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=252:como-sempre-explicando-para-confundir&catid=8:imprensa&Itemid=18) Acesso: 19.10.2012.

VELOSO, Caetano. Lixo lógico. *O Globo*, 05.08.2012. Disponível em [www.tomze.com.br](http://www.tomze.com.br) Acesso em: 21.09.2012.

ZÉ, Tom. In: ANTENORE, Armando. A Tropicália segundo Tom Zé. *Revista Bravo*. São Paulo: Editora Abril, ano 14, n. 179, jul de 2012, p.14-25.

#### *Entrevistas*

ZÉ, Tom. *Entrevista concedida a Emília Saraiva Nery*, 22 de out. de 2012. São Paulo. (Áudio enviado por e-mail no dia 29 de out. de 2012).

\_\_\_\_\_. *Entrevista no Programa do Jô*, 04.09.2012. Disponível em [www.globo.com](http://www.globo.com) Acesso em: 05.09.2012.

#### *Bibliografia*

CANNITO, Newton. Enquanto Seu Lobo Não Vem. In: OLIVEIRA, Ana de. *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo: Iyá Omin, 2010, p. 86.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 262.

FILHO, Jorge Cardoso e JÚNIOR, Jeder Janotti. A música popular massiva, o mainstream e o underground trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In: FILHO, João Freire e

JÚNIOR, Jelder Janotti (orgs.). *Comunicação & música popular massiva*. Salvador: Edufba, 2006, p. 18.

JAFFE, Noemi. Panis et Circencis. In: OLIVEIRA, Ana de. *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo: Iyá Omin, 2010, p. 33.

PANAROTTO, Demetrio. Cena Aberta. In: *Qual Sertão*, Euclides da Cunha e Tom Zé. São Paulo: Lumme Editor, 2009, p. 37.

ZÉ, Tom. Ouvindo seu Nelson na sala. Folha de São Paulo, 04. 02.1999. In: ZÉ, Tom. *Tropicalista lenta luta*. São Paulo: Publifolha, 2003, p. 97.

\_\_\_\_\_. In: CORD, Getúlio Mac. Tom Zé. In: *Tropicália: um caldeirão cultural*. Rio de Janeiro: Ed. Ferreira, 2011, p.183.

<sup>1</sup> Este artigo é um desdobramento do projeto de doutoramento “A *Imprensa Cantada* de Tom Zé: Entre o Tropicalismo e uma *linha evolutiva* na MPB (1964-1999)”, desenvolvido por mim sob a orientação do professor doutor Alcides Freire Ramos e vinculado à linha de pesquisa Linguagens, Estética e Hermenêutica do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

<sup>2</sup> *Tropicália Lixo Lógico* (independente), de Tom Zé. Produtor: Daniel Maia. Patrocínio: Natura, 2012.

<sup>3</sup> Idem. Ibidem.

<sup>4</sup> Tratava-se de uma corrente interpretativa musical modernizadora evolutiva, que seguia os padrões conciliadores de tradição (raiz nacional) e modernidade (importação cultural) retomados da antropofagia oswaldiana do Modernismo da Literatura, da Bossa Nova de João Gilberto e concretizados por Caetano Veloso no Tropicalismo.

<sup>5</sup> ZÉ, Tom. In: ANTENORE, Armando. A Tropicália segundo Tom Zé. *Revista Bravo*. São Paulo: Editora Abril, ano 14, n, 179, jul de 2012, p.19

<sup>6</sup> “[...] pode ser traduzido como fluxo principal. Abriga escolhas de confecção do produto reconhecidamente eficientes, dialogando com elementos de obras consagradas e com sucesso relativamente garantido. [...] Consequentemente, o repertório necessário para o consumo de produtos *mainstream* está disponível de maneira ampla aos ouvintes e a dimensão plástica da canção apresenta uma variedade definida, em boa medida, pelas indústrias do entretenimento e desse repertório”. FILHO, Jorge Cardoso e JÚNIOR, Jelder Janotti. A música popular massiva, o mainstream e o underground trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In: FILHO, João Freire e JÚNIOR, Jelder Janotti (orgs.). *Comunicação & música popular massiva*. Salvador: Edufba, 2006, p. 18.

<sup>7</sup> ZÉ, Tom. *Entrevista concedida a Emília Saraiva Nery*, 22 de out. de 2012. São Paulo. (Áudio enviado por e-mail no dia 29 de out. de 2012).

<sup>8</sup> Termo jurídico em latim, indicativo de pessoas que não tem poder sobre si mesmas, à semelhança dos escravos.

<sup>9</sup> Expressão francesa que significa algo como “a polidez manda”.

<sup>10</sup> Expressão em latim que significa “Conforme queríamos demonstrar”.

<sup>11</sup> ZÉ, Tom. Apocalipsom A – o fim no palco do começo. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 1A.

<sup>12</sup> Nome artístico do paulistano Leandro Roque de Oliveira, *rapper*, repórter e produtor musical brasileiro.

<sup>13</sup> ZÉ, Tom. Mã. In: ZÉ, Tom. *Estudando o samba*. São Paulo, Continental, 1976. 1. disco sonoro. Lado A, faixa 1.

<sup>14</sup> ZÉ, Tom. Nave Maria. In: ZÉ, Tom. *Nave Maria*. São Paulo, RGE, 1984. 1. disco sonoro. Lado A, faixa 1.

<sup>15</sup> Livro e personagem do escritor brasileiro Mário de Andrade.

<sup>16</sup> Nome artístico de Francisca Edwiges Neves Gonzaga. Nasceu no Rio de Janeiro, em 17 de outubro de 1847, e faleceu na capital carioca em 28 de fevereiro de 1935. Foi uma compositora de marchas carnavalescas, pianista de choro e regente brasileira.

<sup>17</sup> ZÉ, Tom. In: ANTENORE, Armando. A Tropicália segundo Tom Zé. *Revista Bravo*. São Paulo: Editora Abril, ano 14, n, 179, jul de 2012, p. 24.

<sup>18</sup> VELOSO, Caetano. Panis et Circencis. In: *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado A, faixa 3.

<sup>19</sup> JAFFE, Noemi. Panis et Circencis. In: OLIVEIRA, Ana de. *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo: Iyá Omin, 2010, p. 33.

<sup>20</sup> Título inspirado na expressão em latim “Alea Jacta Est”, “a sorte está lançada”, de Júlio César. : ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Release.

<sup>21</sup> ZÉ, Tom. *Tropicalea Jacta Est*. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 3.

<sup>22</sup> Nome artístico de Maria Luiza de Arruda Botelho Pereira de Magalhães. É uma paulistana, cantora, compositora e instrumentista brasileira.

<sup>23</sup> ZÉ, Tom. In: ANTENORE, Armando. *A Tropicália segundo Tom Zé*. *Revista Bravo*. São Paulo: Editora Abril, ano 14, n, 179, jul de 2012, p.20.

<sup>24</sup> “O rei da brincadeira/Ê, José! /O rei da confusão/Ê, João! /Um trabalhava na feira/Ê, José! /Outro na construção/Ê, João!... /A semana passada/No fim da semana/João resolveu não brigar/No domingo de tarde/ Saiu apressado/E não foi prá Ribeira jogar Capoeira! /Não foi prá lá/Pra Ribeira, foi namorar... /O José como sempre/ No fim da semana/ Guardou a barraca e sumiu/ Foi fazer no domingo/ Um passeio no parque Lá perto da Boca do Rio... /Foi no parque/ Que ele avistou Juliana/ Foi que ele viu/ Foi que ele viu Juliana na roda com João/ Uma rosa e um sorvete na mão/ Juliana seu sonho, uma ilusão Juliana e o amigo João... / O espinho da rosa feriu Zé/ (Feriu Zé!) (Feriu Zé!) / E o sorvete gelou seu coração/ O sorvete e a rosa/ Ô, José! /A rosa e o sorvete/ Ô, José! /Foi dançando no peito/ Ô, José! /Do José brincalhão Ô, José!... /O sorvete e a rosa/ Ô, José! /A rosa e o sorvete/Ô, José! /Oi girando na mente/Ô, José! /Do José brincalhão/Ô, José!... /Juliana girando/Oi girando! /Oi, na roda gigante/Oi, girando! /Oi, na roda gigante/Oi, girando! /O amigo João (João)... /O sorvete é morango/É vermelho! /Oi, girando e a rosa É vermelha! /Oi girando, girando/ É vermelha! /Oi, girando, girando... /Olha a faca! (Olha a faca!) /Olha o sangue na mão/ Ê, José! //Juliana no chão/Ê, José! /Outro corpo caído Ê, José! /Seu amigo João/Ê, José!... /Amanhã não tem feira Ê, José! /Não tem mais construção/Ê, João! /Não tem mais brincadeira/Ê, José! /Não tem mais confusão Ê, João!... /Êh! Êh! Êh Êh Êh Êh! / Êh! Êh! Êh Êh Êh Êh!...” GIL, Gilberto. *Domingo no Parque*. In: *Gilberto Gil*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado B, faixa 10.

<sup>25</sup> “Caminhando contra o vento/Sem lenço e sem documento/No sol de quase dezembro/Eu vou... /O sol se reparte em crimes/Espaçonaves, guerrilhas/Em cardinales bonitas/Eu vou... /Em caras de presidentes/Em grandes beijos de amor/Em dentes, pernas, bandeiras/Bomba e Brigitte Bardot... /O sol nas bancas de revista/Me enche de alegria e preguiça/Quem lê tanta notícia/Eu vou... /Por entre fotos e nomes/Os olhos cheios de cores/O peito cheio de amores vãos/Eu vou/ Por que não, por que não... /Ela pensa em casamento/E eu nunca mais fui à escola Sem lenço e sem documento, /Eu vou... /Eu tomo uma coca-cola/Ela pensa em casamento/E uma canção me consola/Eu vou... /Por entre fotos e nomes/Sem livros e sem fuzil/Sem fome, sem telefone/No coração do Brasil... /Ela nem sabe até pensei/Em cantar na televisão/O sol é tão bonito/Eu vou... /Sem lenço, sem documento/Nada no bolso ou nas mãos/Eu quero seguir vivendo, amor/Eu vou... /Por que não, por que não... / Por que não, por que não... /Por que não, por que não... /Por que não, por que não...” VELOSO, Caetano. *Alegria, Alegria*. In: *Caetano Veloso*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado A, faixa 4.

<sup>26</sup> “Um poeta desfolha a bandeira/E a manhã tropical se inicia/Resplendente, cadente, fagueira/Num calor girassol com alegria/Na geléia geral brasileira/Que o jornal do Brasil anuncia/Ê bumba iê iê boi/Ano que vem, mês que foi/Ê bumba iê iê iê/É a mesma dança, meu boi/Ê bumba iê iê boi/Ano que vem, mês que foi/Ê bumba iê iê iê/É a mesma dança, meu boi/” A alegria é a prova dos nove/” E a tristeza é teu Porto Seguro/ Minha terra é onde o Sol é mais limpo/Em Mangueira é onde o Samba é mais puro/Tumbadora na selva-selvagem /Pindorama, país do futuro/Ê bumba iê iê boi/ Ano que vem, mês que foi/Ê bumba iê iê iê/É a mesma dança, meu boi/É a mesma dança na sala/No Canecão, na TV/E quem não dança não fala/Assiste a tudo e se cala/Não vê no meio da sala/As relíquias do Brasil/Doce mulata malvada/Um LP de Sinatra/Maracujá, mês de abril/Santo barroco baiano/Super poder de paisano/Formiplac e céu de anil/Três destaques da Portela/Carne seca na janela/Alguém que chora por mim/Um carnaval de verdade/Hospitaleira amizade/Brutalidade, jardim/Ê bumba iê iê boi/ Ano que vem, mês que foi/Ê bumba iê iê iê/É a mesma dança, meu boi/ Ê bumba iê iê boi/Ano que vem, mês que foi/Ê bumba iê iê iê/É a mesma dança, meu boi/Plurialva, contente e brejeira/Miss linda Brasil diz: "Bom Dia"/ E outra moça também, Carolina/Da janela examina a folia/Salve o lindo pendão dos seus olhos/E a saúde que o olhar irradia/Ê bumba iê iê boi/Ano que vem, mês que foi/Ê bumba iê iê iê/É a mesma dança, meu boi/Um poeta desfolha a bandeira/E eu me sinto melhor colorido/Pego um jato, viajo, arrebento/Com o roteiro do sexto sentido/Faz do morro, pilão de concreto/Tropicália, bananas ao vento/Ê bumba iê iê boi/Ano que vem, mês que foi/Ê bumba iê iê iê/É a mesma dança, meu boi/Ê bumba iê iê boi/Ano que vem, mês que foi/Ê bumba iê iê iê/ É a mesma dança, meu boi/É a mesma dança, meu boi/É a mesma dança, meu boi.” GIL, Gilberto e NETO, Torquato. *Geléia Geral*. In: *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado A, faixa 6.

<sup>27</sup> ZÉ, Tom. *Tropicalea Jacta Est*. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 3.

<sup>28</sup> Foi um conjunto musical brasileiro, nascido na Bahia, ativo entre os anos de 1969 e 1979. Eles foram influenciados pela contracultura e pelo Tropicalismo. Marcaram a música popular brasileira e até o rock brasileiro dos anos 70, utilizando-se de vários gêneros musicais brasileiros que vão de bossa nova, frevo, baião, choro, afoxé ao rock n' roll.

<sup>29</sup> ZÉ, Tom. *Tropicalea Jacta Est*. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 3.

- <sup>30</sup> Por sinal, esta expressão poderia ser o título do seu novo disco.
- <sup>31</sup> ZÉ, Tom. Marcha-Enredo da Creche Tropical. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 5.
- <sup>32</sup> ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Release.
- <sup>33</sup> ZÉ, Tom. In: CORD, Getúlio Mac. Tom Zé. In: *Tropicália: um caldeirão cultural*. Rio de Janeiro: Ed. Ferreira, 2011, p.183.
- <sup>34</sup> LUÍS, Cláudia. Tom Zé inverte tradição do Brasil em Portugal. *Jornal de Notícias*. Lisboa, Portugal, 10.05.06. Disponível em: [http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content\\_id=549786&page=-1](http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=549786&page=-1) Acesso: 18.10.2012.
- <sup>35</sup> PACHECO, Nuno. Portugal, sertão e cosmos. 2006. Disponível: [http://www.tomze.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=251:portugalia-sertao-e-cosmos&catid=8:imprensa&Itemid=18](http://www.tomze.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=251:portugalia-sertao-e-cosmos&catid=8:imprensa&Itemid=18) Acesso: 18.10.2012.
- <sup>36</sup> OLIVEIRA, João Pedro. Como sempre, explicando para confundir. *Diário de Notícias*. Lisboa, Portugal, 2006. Disponível em: [http://www.tomze.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=252:como-sempre-explicando-para-confundir&catid=8:imprensa&Itemid=18](http://www.tomze.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=252:como-sempre-explicando-para-confundir&catid=8:imprensa&Itemid=18) Acesso: 19.10.2012.
- <sup>37</sup> Lá, diz ele, que “aprendeu uma outra língua”. Enfeitada, cheia de palavras indígenas e de reminiscências ibéricas, “um português ainda marca do século XVI e da cultura moura, praticada pelos mulatos que não têm proteínas e o resto, aprisionado pelo sertão rude, afastado. “Eu entendia/aprendia na casa de meu pai uma outra metafísica, uma outra cosmologia”. MORTAIGNE, Véronique. Tom Zé, bricoleur fou des sons du Nordeste. *Le Monde*. 2006. Disponível em: [http://www.tomze.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=162:tom-ze-bricoleur-fou-des-sons-du-nordeste-&catid=8:imprensa&Itemid=18](http://www.tomze.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=162:tom-ze-bricoleur-fou-des-sons-du-nordeste-&catid=8:imprensa&Itemid=18) Acesso: 19.10.2012.
- <sup>38</sup> ZÉ, Tom. In: ANTENORE, Armando. A Tropicália segundo Tom Zé. *Revista Bravo*. São Paulo: Editora Abril, ano 14, n, 179, jul de 2012, p.23.
- <sup>39</sup> PANAROTTO, Demétrio. Cena Aberta. In: *Qual Sertão*, Euclides da Cunha e Tom Zé. São Paulo: Lumme Editor, 2009, p. 37.
- <sup>40</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 262. A temática do livro é a Revolta de Canudos, ocorrida em 1897, no norte da Bahia.
- <sup>41</sup> ZÉ, Tom. Ouvindo seu Nelson na sala. Folha de São Paulo, 04. 02.1999. In: ZÉ, Tom. *Tropicalista lenta luta*. São Paulo: Publifolha, 2003, p. 97.
- <sup>42</sup> A narrativa é construída com acentos e jeitos sertanejos. A obra se passa no sertão brasileiro, provavelmente dos estados da Bahia e de Minas Gerais.
- <sup>43</sup> ZÉ, Tom. In: ANTENORE, Armando. A Tropicália segundo Tom Zé. *Revista Bravo*. São Paulo: Editora Abril, ano 14, n, 179, jul de 2012, p. 24.
- <sup>44</sup> ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 7.
- <sup>45</sup> “Disse o campônio a sua amada/Minha idolatrada diga o que quês? /Por ti vou matar, vou roubar/ Embora tristezas me causes mulher/Provar quero eu que te quero/Venero teus olhos teu porte, teu ser/Mas diga tua ordem espero Por ti/ não importa matar ou morrer/E ela disse ao campônio a brincar/Se é verdade tua louca paixão/ Partes já e pra mim vá buscar/ De tua mãe inteiro o coração/E a correr o campônio partiu/Como um raio na estrada sumiu/E sua amada qual louca ficou/A chorar na estrada tombou/Chega à choupana o campônio/Encontra a mãezinha ajoelhada a rezar/Rasga-lhe o peito o demônio/ Tombando a velhinha aos pés do altar/Tira do peito sagrando da velha mãezinha/O pobre coração e volta a correr proclamando/Vitória, vitória tem minha paixão/ Mais em meio da estrada caiu/E na queda uma perna partiu/E a distância saltou-lhe da mão/ Sobre a terra o pobre coração/Nesse instante uma voz ecoou/Magoou-se pobre filho meu/Vem buscar-me filho, / aqui estou/ Vem buscar-me que ainda sou teu!” VELOSO, Caetano. Coração Materno. In: *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado A, faixa 2.
- <sup>46</sup> “Vamos passear na floresta escondida, meu amor Vamos passear na avenida Vamos passear nas veredas, no alto meu amor Há uma cordilheira sob o asfalto/ (Os clarins da banda militar...) A Estação Primeira da Mangueira passa em ruas largas (Os clarins da banda militar...) Passa por debaixo da Avenida Presidente Vargas (Os clarins da banda militar...) Presidente Vargas, Presidente Vargas, Presidente Vargas (Os clarins da banda militar...)/Vamos passear nos Estados Unidos do Brasil Vamos passear escondidos Vamos desfilar pela rua onde Mangueira passou Vamos por debaixo das ruas/ (Os clarins da banda militar...) Debaixo das bombas, das bandeiras (Os clarins da banda militar...) Debaixo das botas (Os clarins da banda militar...) Debaixo das rosas, dos jardins (Os clarins da banda militar...) Debaixo da lama (Os clarins da banda militar...) Debaixo da cama”. VELOSO, Caetano. Enquanto Seu Lobo Não Vem. In: *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado B, faixa 9.
- <sup>47</sup> ZÉ, Tom. Marcha-Enredo da Creche Tropical. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 5.
- <sup>48</sup> ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD.

<sup>49</sup> ZÉ, Tom. Tropicália Lixo Lógico. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 7.

<sup>50</sup> VELOSO, Caetano. Enquanto Seu Lobo Não Vem. In: *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado B, faixa 9.

<sup>51</sup> CANNITO, Newton. Enquanto Seu Lobo Não Vem. In: OLIVEIRA, Ana de. *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo: Iyá Omin, 2010, p. 86.

<sup>52</sup> GIL, Gilberto e CAPINAM, José Carlos. *Misere Nobis*. In: *Tropicália ou Panis et Circencis*. São Paulo, Philips, 1968. 1. disco sonoro, Lado A, faixa 1.

<sup>53</sup> “Era um, era dois, era cem/Era o mundo chegando e ninguém/Que soubesse que eu sou violeiro/Que me desse o amor ou dinheiro... /Era um, era dois, era cem/Vieram prá me perguntar: /” Ô você, de onde vai de onde vem?/ Diga logo o que tem/Prá contar “... /Parado no meio do mundo/Senti chegar meu momento/Olhei pro mundo e nem via/Nem sombra, nem sol/Nem vento... /Quem me dera agora/Eu tivesse a viola/ Prá cantar... (4x) Prá cantar! /Era um dia, era claro/Quase meio/Era um canto falado/Sem ponteio/Violência, viola Violeiro/Era morte redor/Mundo inteiro... /Era um dia, era claro/Quase meio/Tinha um que jurou/ Me quebrar/Mas não lembro de dor/Nem receio/Só sabia das ondas do mar... /Jogaram a viola no mundo/Mas fui lá no fundo buscar/ Se eu tomo a viola/ Ponteio! /Meu canto não posso parar/Não!... /Quem me dera agora/ Eu tivesse a viola Prá cantar, prá cantar/Ponteio!...(4x)Pontiaaaaaarr! /Era um, era dois, era cem/Era um dia, era claro/Quase meio Encerrar meu cantar/Já convém/ Prometendo um novo ponteio/Certo dia que sei/Por inteiro/Eu espero não vá demorar/ Esse dia estou certo que vem/ Digo logo o que vim/Prá buscar/Correndo no meio do mundo. /Não deixo a viola de lado/Vou ver o tempo mudado/E um novo lugar prá cantar... /Quem me dera agora/Eu tivesse a viola Prá cantar/Ponteio!...(4x) /Lá, láia, láia, láia... /Lá, láia, láia, láia... /Lá, láia, láia... /Quem me dera agora/Eu tivesse a viola/Prá cantar Ponteio!...(4x) /Prá cantar Pontiaaaaaarr!...(4x). / Quem me dera agora Eu tivesse a viola Prá Cantar!”

<sup>54</sup> CAPINAM, José Carlos. José Carlos Capinam. In: CORD, Getúlio Mac. *Tropicália: um caldeirão cultural*. Rio de Janeiro: Ed. Ferreira, 2011, p. 154.

<sup>55</sup> ZÉ, Tom. Apocalipsom B: o começo no palco do fim. In: ZÉ, Tom. *Tropicália Lixo Lógico*. Natura, 2012. 1. CD. Faixa 1B.

<sup>56</sup> Certamente a Segunda Vinda está na mão./A Segunda Vinda! Dificilmente são as palavras/Quando uma grande imagem de Spiritus Mundi.

<sup>57</sup> Poema de autoria do escritor anglo-irlandês William Butler Yeats de 1919, originalmente publicado em Novembro de 1920 na revista americana *The Dial* e, posteriormente, na coletânea *Michael Robartes and the Dancer*, de 1921. Apresenta uma temática de angústia e testemunho de decadência aparente.

<sup>58</sup> ZÉ, Tom. *Entrevista concedida a Emília Saraiva Nery*, 22 de out. de 2012. São Paulo. (Áudio enviado por e-mail no dia 29 de out. de 2012).

<sup>59</sup> ZÉ, Tom. *Entrevista concedida a Emília Saraiva Nery*, 22 de out. de 2012. São Paulo. (Áudio enviado por e-mail no dia 29 de out. de 2012).

<sup>60</sup> Músico e compositor paulista que depois de lançar o disco de “rock cru” *O Último Dia de um Homem sem Juízo* (2008), deixou de lado as guitarras barulhentas e lançou *Que Isso Fique Entre Nós*, um dos discos nacionais mais elogiados de 2011.

<sup>61</sup> É guitarrista, baixista, vocalista e compositor. Foi integrante da banda carioca Los Hermanos. Após o recesso da banda, passou a dedicar-se também à Orquestra Imperial e, posteriormente, à banda Little Joy.

<sup>62</sup> ZÉ, Tom. In: ANTENORE, Armando. *A Tropicália segundo Tom Zé*. *Revista Bravo*. São Paulo: Editora Abril, ano 14, n. 179, jul de 2012, p.24.

<sup>63</sup> ZÉ, Tom. Mã. In: ZÉ, Tom. *Estudando o samba*. São Paulo, Continental, 1976. 1. disco sonoro. Lado A, faixa 1.

<sup>64</sup> ZÉ, Tom. Nave Maria. In: ZÉ, Tom. *Nave Maria*. São Paulo, RGE, 1984. 1. disco sonoro. Lado A, faixa 1.

<sup>65</sup> VELOSO, Caetano. Lixo lógico. *O Globo*, 05.08.2012. Disponível em [www.tomze.com.br](http://www.tomze.com.br) Acesso em: 21.09.2012.

<sup>66</sup> VELOSO, Caetano. Lixo lógico. *O Globo*, 05.08.2012. Disponível em [www.tomze.com.br](http://www.tomze.com.br) Acesso em: 21.09.2012.

<sup>67</sup> ZÉ, Tom. *Entrevista no Programa do Jô*, 04.09.2012. Disponível em [www.globo.com](http://www.globo.com) Acesso em: 05.09.2012.

<sup>68</sup> VELOSO, Caetano. Lixo lógico. *O Globo*, 05.08.2012. Disponível em [www.tomze.com.br](http://www.tomze.com.br) Acesso em: 21.09.2012.

<sup>69</sup> O músico baiano estabeleceu diferenciações entre a sua estética do arrastão ou do plágio e o antropofagismo oswaldiano em: ZÉ, Tom. O gênio de Irará. *Caros Amigos*, n. 31, out. 1999, p. 34.

<sup>70</sup> Como, por exemplo, a parceria de Tom Zé com o poeta concreto Augusto de Campos na canção “Cademar”. ZÉ, Tom. Cademar. In: *Todos os olhos*. São Paulo, Continental, 1973. 1. disco sonoro. Lado A, faixa 1.

---

<sup>71</sup> Algumas canções que podem ser citadas como exemplos desse distanciamento conflituoso são: ZÉ, Tom. Quero sambar meu bem. In: ZÉ, Tom. *Tom Zé*. São Paulo, Rozemblit, 1968. 1. disco sonoro. Lado B, faixa 11 e ZÉ, Tom. Brigitte Bardot. In: ZÉ, Tom. *Todos os olhos*. São Paulo, Continental, 1973. 1. disco sonoro. Lado B, faixa 5.

